

Caiçaras: ambientes vividos e ambientes descritos

Joice Fernandes*

Cyro de Barros Rezende Filho*

Resumo: O presente trabalho aborda a relação homem/meio ambiente, tendo como estudo de caso parte da população caiçara da cidade de Ubatuba, Litoral Norte do estado de São Paulo, e o período da década de 1960. O recorte temporal se justifica pelas transformações ocorridas na cidade durante a gestão de Ciccillo Matarazzo como prefeito (1964-1969). O problema que se estabelece é a não valorização das práticas, e a forma como esses caiçaras perceberam e percebem seu próprio cotidiano e suas transformações em trabalhos acadêmico-científicos. Pretende-se defender a Ecologia Cultural (Diegues, 1996) como ferramenta eficaz no estudo histórico de populações tradicionais, pois tal análise valoriza o conhecimento dessas populações, sob um procedimento ético metodologicamente, além de tornar essa análise aprofundada profícua para as práticas contemporâneas de sustentabilidade.

Palavras-Chave: Populações Tradicionais; Ubatuba-SP; Homem/Meio Ambiente.

Abstract: This paper addresses the relationship man-environment, taking as a case study of the population Caiçara the town of Ubatuba, North Coast of São Paulo state, and the period of the 1960s. The cutting time is justified by changes in the city during the administration of Ciccillo Matarazzo as mayor (1964-1969). What is down is no recovery practices, and how these caiçaras realized and perceive their daily life and its changes in academic and scientific work. It is intended to defend the Cultural Ecology (Diegues, 1996) as effective tool in the historical study of traditional populations, as this analysis highlights the knowledge of these people, under an ethical methodology, and thorough analysis make this useful for contemporary practice of sustainability.

Key-words: Traditional Populations; Ubatuba-SP; Man-Environment.

Introdução

As populações tradicionais têm sido estudadas com ênfase nas suas práticas culturais ligadas ao meio ambiente em que estão inseridas. Em muitas regiões do Brasil, a implantação de Parques e Reservas tem expulsado comunidades autóctones de seus espaços, com o objetivo de preservar áreas consideradas fundamentais para as Unidades de Conservação. Tais ações colocam o homem separado do meio, como se a interferência do primeiro no segundo fosse absolutamente negativa. Mas estudos recentes defendem que o radicalismo preservacionista em relação ao meio não resulta em sustentabilidade humana e ambiental,

* Universidade de Taubaté, Mestranda em Ciências Ambientais.

* Universidade de São Paulo, Pós-Doutor em História Social.

posicionado-se de forma holística em relação ao tema. Populações tradicionais podem colaborar com o seu conhecimento inter-geracional para a interferência humana positiva no meio, garantindo tal sustentabilidade. O problema está na forma como estas populações tradicionais têm sido estudadas.

Material e Métodos

Atualmente, existem diferentes linhas de pesquisa no estudo de Populações Tradicionais e sua relação com o meio. Diegues (2004) descreve em seu texto quatro destas linhas: a Ecologia Cultural que tem como foco “realizar minuciosas descrições etnográficas e a análise dos sistemas de produção constituídos por indivíduos que ocupam um determinado hábitat no meio ambiente e suas escolhas adaptativas” (DIEGUES, 2004: 67); a Antropologia Ecológica que tem como foco os organismos que se mantêm em estado homeostático dentro das flutuações e mudanças ambientais; as Etnociências que utilizam conceitos da lingüística para chegar a investigar o meio ambiente percebido pelo homem; e a Antropologia Neo-Marxista (Econômica) que tem por foco a análise dos modos de produção.

Resultados

Diegues faz sua análise utilizando a vertente neo-marxista, porém Matos et. al. (2005) defendem a vertente etnológica:

Entendemos, então, que pesquisas etnoecológicas [...] identificam os conhecimentos acumulados e memorizados pelas comunidades tradicionais, sendo estes não escritos, decorrentes de experiências que se refletem na consciência e na prática que os indivíduos têm em relação ao ambiente. Neste contexto, a etnoecologia vem validar a interação desses conhecimentos, os quais não degradam, ao longo do tempo, os recursos que utilizam, concretizando, desta forma, modelos de reprodução destas práticas, preocupados com a manutenção da diversidade biológica e cultural. (MATOS et. al., 2005: 21)

Mas em todos os artigos analisados, está clara a relevância do estudo de populações tradicionais para o desenvolvimento sustentável da sociedade como um todo, independente da forma como esta análise será feita. O que fica evidente no artigo de Moreira (2007):

[...] As populações tradicionais se inserem nos debates em torno da biodiversidade a partir da tentativa de superação das teses preservacionistas fundamentadas em estratégias de separação entre homem e natureza [...] a estratégia de uso sustentável dos recursos naturais permite inserir os povos tradicionais como atores primordiais da proteção da biodiversidade. (MOREIRA, 2007: 36-37)

Diegues (2004) define Populações Tradicionais utilizando como critério o modo de vida de comunidades não-urbanas, e defende o fortalecimento da identidade desses grupos, a fim de que seus membros se re-conheçam como pertencentes a ele, e, assim, mantenham suas práticas. Este autor cita como exemplo as comunidades caiçaras:

O surgimento de outras identidades sócio-culturais, como a "caiçara", é fato mais recente, tanto a nível de estudos antropológicos quanto a nível de auto-reconhecimento dessas populações como portadoras de uma cultura e um modo de vida diferenciado de outras populações. Esse "auto-reconhecimento" é freqüentemente, nos dias de hoje, uma identidade construída ou reconstruída, como resultado, em parte, de processos de contatos cada vez mais conflitivos com a sociedade urbano-industrial, e com os "neo-mitos" criados por esta. (DIEGUES, 2004: 79)

Ainda de acordo com este autor, “as populações e culturas tradicionais se acham hoje transformadas em maior ou menor grau.”.(DIEGUES, 2004: 82) e argumenta, mais a frente de seu artigo, que as culturas não são estáticas e têm capacidade de assimilar elementos culturais externos sem uma mudança radical de seus padrões culturais básicos (DIEGUES, 2004: 83).

Tais populações tradicionais se relacionam com o meio em que estão, na maior parte dos casos estudados, de forma a valorizar este meio como forma de subsistência, fazendo o manejo dos recursos naturais sem visar o lucro direto e sim sua reprodução social e cultural (DIEGUES, 2004: 72). “Para as sociedades tradicionais camponesas, o território tem dimensões mais definidas, apesar da agricultura itinerante, através do pousio, demarcar amplas áreas de uso, sem limites muito definidos.[...]”(DIEGUES, 2004: 74)

Diegues (2004) afirma que o modo-de-produção mercantil sempre co-existiu com outros modos-de-produção, como o escravocrata, feudal e o capitalista, porque tem como base uma relação intensa entre o seu caráter social e ecológico. Porém, cabe ressaltar que muitas populações tradicionais optam por abandonar tal modo-de-produção voluntariamente ao conhecerem outros sistemas nem sempre de subsistência. É interessante destacar que a cultura, independente da população, é algo - voluntariamente ou não - dinâmico, e que a permanência desse mercantilismo é finita diante desse dinamismo. Talvez seja interessante valorizar transformações no atual modo-de-produção capitalista em detrimento do mercantilista, intensificando ações que privilegiem o meio e não só as transações econômicas.

Essa valorização do meio em relação à sociedade tem se intensificado, principalmente a partir das últimas décadas do século XX. E o conceito Desenvolvimento Sustentável tem se tornado a palavra-chave para essa valorização. Sobre o uso deste termo, Viana (1999) afirma:

Um dos entraves à implantação do conceito de desenvolvimento sustentável é a distância dos tomadores de decisão em relação à realidade. Parte significativa dos ecossistemas naturais remanescentes do Brasil encontra-se em áreas habitadas por populações tradicionais (índios, caiçaras, quilombolas, caboclos, ribeirinhos e extrativistas). São raríssimos os técnicos e autoridades que conhecem a ecologia dos ecossistemas naturais e a realidade das populações tradicionais que vivem nessas áreas. Mais raro ainda são os que analisam os fatos de forma participativa, ouvindo e escutando a perspectiva das comunidades tradicionais onde se dão as ações direcionadas ao desenvolvimento sustentável. Como resultado, as decisões são tomadas com base em informações e interpretações equivocadas. (VIANA, 1999: 241)

É interessante notar que mesmo com a valorização crescente das práticas de populações tradicionais relacionadas ao meio, tais práticas têm sido analisadas sem profundidade, o que torna os estudos ineficazes quando buscam alternativas para um possível desenvolvimento sustentável.

O mesmo autor ainda reflete sobre a utilização do termo desenvolvimento:

Envolver [...] é a antítese de desenvolver. Está o conceito de “desenvolvimento” equivocado? [...] poderíamos dizer que desenvolver uma pessoa ou comunidade significa retirá-la do seu invólucro ou contexto ambiental; descomprometê-la com o seu ambiente.[...] Por envolvimento sustentável poderíamos entender o conjunto de políticas e ações direcionadas para fortalecer o envolvimento das sociedades com os ecossistemas locais, fortalecendo e expandindo os seus laços sociais, econômicos, culturais, espirituais e ecológicos; com o objetivo de buscar a sustentabilidade em todas essas dimensões. (VIANA, 1999: 242-243)

Ainda refletindo sobre a terminologia desenvolvimento sustentável, para Dias (1994) o desenvolvimento sustentável é consequência do envolvimento positivo do homem com o meio em que está, não só o ambiente natural, como também o ambiente construído:

[...] defino desenvolvimento como a criação de condições tendentes à produção do ser humano em sua integridade. É, portanto, um processo, e o sucesso resultante incorpora objetivos, destina-se a certos fins. E o desenvolvimento econômico e material é visto como um elemento importante, mas em si insuficiente, para a promoção do desenvolvimento humano. Como envolvimento defino as articulações do ser humano com o ambiente que o cerca: seu comprometimento e os cometimentos correspondentes. E, ao falar em ambiente, não falo só do meio natural, que precede, condiciona, e afinal sucede ao homem. Falo também do ambiente que procede do homem, fruto das relações que ele entretetece com o entorno e consigo mesmo. (DIAS, 1994: 54)

Discussão

É importante destacar a importância da abordagem histórica sobre este assunto, focando o processo social de mudanças que aborda não só o homem mas o meio em que está inserido.

A metodologia história favorece o conhecimento dessas comunidades tradicionais, que possuem poucos documentos escritos e precisam ter valorizados seus conhecimentos orais e inter-geracionais. A metodologia da História Oral permite registrar tais conhecimento em benefício de uma análise profunda dessas comunidades, o que pode trazer informações favoráveis para a sustentabilidade como um todo.

Na dissertação a ser apresentada para este programa de pós-graduação, o foco da análise está na abordagem do assunto sob a vertente ecológica cultural, com colaborações conteudistas das abordagens já existentes da vertente neo-marxista, utilizando a metodologia da História Oral. Para tal análise pretende-se utilizar como estudo de caso as populações tradicionais de caiçaras da cidade de Ubatuba, Litoral Norte de São Paulo. A fim de valorizar o processo, e através dele ponderar medidas sustentáveis, este estudo de caso terá como delimitação temporal a década de 1960 em relação ao período atual. Tal delimitação se justifica pelas transformações ambientais, tanto no ambiente natural como no ambiente construído, ocorridas na cidade, e que provocaram transformações no cotidiano destes caiçaras e influenciaram sua dinâmica cultural.

Estudos de caso como este podem ser profícuos se analisados profundamente a fim de favorecer o desenvolvimento da sociedade baseado no seu envolvimento com o meio. A busca pelo conhecimento da biodiversidade e da diversidade cultural deve ter o objetivo de trazer alternativas para a sustentabilidade social e ambiental.

Bibliografia

- ALMEIDA, Fernando Azevedo de. **O Franciscano Ciccillo**. São Paulo: Pinoneira, 1976.
- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. coords. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BANDUCCI, Alvaro Jr. MARRETTO, Margarita (Orgs.). **Turismo e identidade local – uma visão antropológica**. Campinas, SP: Papyrus, 2001. – (Coleção Turismo)
- BARBOSA, Josué Humberto. **Ecoturismo e História Cultural**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001.
- BEZERRA DE MENEZES, U. **Identidade Cultural e arqueologia**. In: **Cultura Brasileira – Temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987.
- BOSI, Alfredo. org. **Cultura Brasileira – Temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987.

- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DIAS, Armando M. **Envolvimento e Desenvolvimento: Introdução à simpatia de todas as coisas**. In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.) **DESENVOLVIMENTO E NATUREZA: Estudos para uma sociedade sustentável**. INPSO/FUNDAJ, Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério de Educação, Governo Federal, Recife, Brasil. Outubro 1994. p. 262.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **A Interdisciplinaridade nos Estudos do Mar: O Papel Das Ciências Sociais**. Conferência proferida na XV Semana de Oceanografia, Instituto Oceanográfico da USP, Outubro, 2003.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **As Populações Tradicionais: Conflitos e Ambigüidades**. In: O Mito Moderno da Natureza Intocada. São Paulo: NUPAUB, USP. 5ª ed., p. 66-88, 2004.
- FERNANDES, Joice. **Memória Caiçara : impressões da Ubatuba de 1960**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2007.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GRAÇA, Idalina. **Bom dia, Ubatuba**. São Paulo: Vida, s/d.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LAGO, Antônio. **O que é ecologia**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- LE GOFF, Jean Jacques. **História e Memória**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- LE GOFF, Jean Jacques & NORA, Pierre. **História: novos problemas, novas abordagens e novos objetos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1988.
- MARCÍLIO, Maria Luíza. **Caiçara: terra e população – estudos da demografia histórica e da história social de Ubatuba**. São Paulo: Paulinas e CEDHAL, 1986.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. **Existe uma Historiografia Ambiental Brasileira?**. São Paulo: ANPUH/SP-UNICAMP, 2004. Texto integrante dos *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*.
- **História Ambiental no Brasil – Pesquisa e ensino**. São Paulo: Cortez, 2006. Coleção *Questões da nossa época*
- MATOS, Ana Paula, CORRÊA, Renata L. **Envolvimento Sustentável e Etnoecologia: Reflexões para Implementação da Educação Ambiental**. Revista Científica da FASB/ISESB, Núcleo de Pós-graduação, pesquisa e extensão – NUPPE da Faculdade do Sul da Bahia e do Instituto Superior de Educação do Sul da Bahia, Revista Mosaicum - N°1 - Ano I. p 18-22. 2005.
- MENDES, A. D. **Envolvimento e desenvolvimento: introdução à simpatia de todas as coisas**. In: CAVALCANTI, C. (Org.). **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. 3. ed. cap. 4, p. 54–76. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Meio Ambiente e Ciências Humanas**. 2ª Edição. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- MOREIRA, Eliane **Conhecimento Tradicional e a Proteção**. Revista T&C Amazônia, Ano V, Número 11, p. 33-41, junho de 2007.
- NORA, Pierre. **Os lugares da memória**. São Paulo: Projeto História, 1993.
- ODUM, Eugene P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- OLIVEIRA, Washington de. **Ubatuba – documentário**. São Paulo: Editora do Escritor, 1987.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **A Revolução Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1968.

REZENDE FILHO, Cyro de Barros. **Economia Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 1999.

SETTI, Kilza. **Nos Cantos das Praias – estudo do caiçara paulista e de sua produção musical**. São Paulo: Ática, 1985.

TAUK-TORNISIELO, Sâmia Maria, GOBBI, Nivar, FOWLER, Harold Gordon. Org. **Análise Ambiental: uma visão multidisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

VIANA, Virgílio M. **Envolvimento Sustentável e Conservação das Florestas Brasileiras**. Revista Ambiente & Sociedade - Ano II - No 5 - p. 241-244. 2o Semestre de 1999.

VIERTLER, Renate Brigitte. **Ecologia Cultural – Uma antropologia da mudança**. São Paulo: Ática, 1988. Série *Princípios*.